

A ESCOLA COMO PATRIMÔNIO: MEDIAÇÃO FOTOGRÁFICA EM PRÁTICA ODS 04 - educação de qualidade

Gabriel dos Santos Freitas (Universidade de Taubaté)
Gabriel Henrique Marucci (Universidade de Taubaté)
Gilson Kacprzak Filho (Universidade de Taubaté)
Giovana Nunes dos Santos (Universidade de Taubaté)
Lavinya Rhubye Vasconcellos dos Santos (Universidade de Taubaté)
Prof. Dr. André Luiz da Silva (Universidade de Taubaté)
Profa. Dra. Rachel Duarte Abdala (Universidade de Taubaté)

O presente relato de experiência discorre sobre a oficina "A escola como patrimônio" do projeto "Educação Patrimonial: conhecendo o patrimônio de Taubaté", executado em escolas da rede municipal de Taubaté, no Ensino Fundamental I e II, cujo foco dirige-se às práticas de mediação dos docentes em formação. O objetivo geral consistiu em sensibilizar os estudantes para a escola enquanto patrimônio coletivo e criar oportunidades de aprendizagem que integrassem dimensões cognitivas, afetivas e tecnológicas. Para alcançar esse objetivo, planejou-se uma aula estruturada em momentos de acolhimento, exploração e síntese: apresentou-se uma pergunta disparadora que provocou os alunos a pensar sobre os significados atribuídos ao espaço escolar; instruiu-se os grupos sobre uso de *tablets*, explicando noções de enquadramento, foco e ética do registro; iniciou-se as "missões fotográficas" em diferentes espaços como pátios, corredores, biblioteca, fachada e murais. Importa pontuar que, diante de contextos específicos, nos quais o uso da ferramenta seria inviável, optou-se por substituir o uso de *tablets* por uma atividade de dobradura. Nessa alternativa, os discentes, organizados em grupos, construíram uma escola em papel, escreveram o próprio nome e o nome da instituição na fachada e registraram no interior os espaços que mais apreciavam, além de pintar e decorar livremente a dobradura como forma de expressão afetiva. Para viabilizar ambas as propostas, prepararam-se rotinas logísticas que incluíram a verificação de carga e disponibilidade de aparelhos, a organização dos materiais de dobradura, a definição de normas de privacidade e a previsão de apoio a discentes com menor familiaridade tecnológica ou dificuldades motoras. Durante a execução, buscou-se formular perguntas orientadoras que incentivaram a observação crítica, intervier para auxiliar no manuseio dos equipamentos e materiais, promover revezamentos entre registro e observação e mediar conflitos de participação. Ao final, coletou-se imagens e dobraduras produzidas e conduziu-se momentos de partilha em roda que possibilitaram a construção coletiva de um mapa afetivo, a montagem de uma colagem digital e a exposição dos trabalhos, o que permitiu discutir a memória escolar e reforçar a noção de valorização da escola como patrimônio. Os resultados apontaram alto engajamento dos estudantes durante as atividades, produção de registros visuais e táteis que revelaram percepções afetivas e funcionais, ampliação de habilidades de observação e linguagem multimodal e fortalecimento do sentimento de pertencimento. Para os docentes em formação, a experiência proporcionou ganhos práticos relacionados à mediação em sala de aula e à reflexão sobre a produção de registros. Identificou-se também desafios como o tempo reduzido para instruções técnicas, a necessidade de rotinas mais claras para garantir equidade e os cuidados constantes com autorização e privacidade. Como conclusão, afirma-se que a

fotografia com *tablets* e a dobradura constituem recursos complementares que potencializam aprendizagens e estimulam práticas reflexivas, recomendando maior tempo para orientações técnicas, inclusão de momentos específicos de análise crítica das produções e estratégias de acompanhamento após a oficina para ampliar a circulação educativa dos registros e consolidar a escola como patrimônio coletivo.

Palavras-chave: educação patrimonial; fotografia; dobradura; formação docente.